

## A CRIOLIZAÇÃO NA POESIA DE ALDA ESPÍRITO SANTO

Claudeci da Silva Ribeiro (PPGLI/UEPB)<sup>1</sup>

Neste artigo, propomos aprofundar e divulgar os estudos sobre a literatura de São Tomé e Príncipe, para isso analisaremos como os processos de criouliização, segundo Glissant, se efetivam ou não nos poemas *No mesmo lado da canoa* e *Lá no água grande*, ambos da poetisa santomense *Alda Espírito Santo* (1926-2010). Apontada pelos autores contemporâneos como referência da literatura em São Tomé e Príncipe, ela é autora do hino nacional “Independência total”, além de ter exercido vários cargos públicos na administração do país e atuado como professora, que contribuiu para o desenvolvimento da cultura e da educação, tanto antes como após o processo de independência ocorrido em julho de 1975.

Cientes do período em que a autora se encontrava, seu primeiro livro *É nosso o solo sagrado da terra* foi publicado em 1978, sendo uma coletânea de poemas feitos na década de 50, 60 e 70 e são dele os dois poemas a serem analisados. É necessário reiterarmos que o processo para a cultura letrada nos países que passaram pelo processo de colonização se configura muitas vezes como entrave para o afloramento de autores e autoras que se enveredam em trilhar os caminhos da literatura, quando estes não são de uma classe social privilegiada ou recebem algum tipo de apadrinhamento, em relação a esse fato Bosi (1992, p.25) relata que:

A cultura letrada é rigorosamente estamental, não dando azo à mobilidade vertical, a não ser em raros casos de apadrinhamento que confirmam a regra geral. O domínio do alfabeto, reservado a poucos, serve como divisor de águas entre a cultura oficial e a vida popular. O cotidiano colonial-popular se organizou e reproduziu sob o limiar da escrita.

Assim, na poesia de Alda Espírito Santo encontramos o bom aproveitamento do privilégio a ela apresentado, como também uma escrita voltada para os seus, para a sua terra, para as suas origens e pelo anseio de dar voz e vez à escrita santomense. Para tanto Alda apreende de sua vivência e memória, material suficiente para dar o molde que melhor lhe cai à palavra que é no campo fértil e múltiplo de sentidos da poesia. Ver

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Interculturalidade/ Universidade Estadual da Paraíba

essa poesia à luz dos estudos sobre criouliização é procurar encontrar nele uma revalorização da herança africana, seja ela positiva ou não, e segundo Édouard Glissant (2005, p.19):

A criouliização em ato que se dá no ventre da plantaão- o universo mais iníquo, mais sinistro que possa existir – acontece, todavia, mas deixa o “ser” voando com uma asa só. Porque o “ser” é desestabilizado pela diminuição de si mesmo que carrega consigo, e que ele mesmo assume, diminuição esta que corresponde, por exemplo, à diminuição seu valor propriamente africano.

Na primeira estrofe do poema *No mesmo lado da canoa*, a poetisa apresenta em linguagem simples de onde vêm a sua escrita, de um cotidiano como tantos outros, lugar em que o processo de criouliização ainda não se instalou.

As palavras do nosso dia  
são palavras simples  
claras como a água do regato,  
jorrando das encostas ferruginosas  
na manhã clara do dia-a-dia.

O eu - lírico segue nas estrofes seguintes (3,4 e 5) compartilhando a noção de trabalho nas roças de café, se solidariza com a luta das mulheres lavadeira, as que vendem caroço nas feiras e as que se vendem na busca pelo seu sustento e para uma vida mais digna para os seus, e nos versos finais da 5ª estrofe há uma espécie de solidariedade do eu - lírico com aquelas pessoas retratadas no poema, já que ocorre o processo de identificação com aqueles costumes, que Glissant (2005, p.25) chama de identidade *relação*, ou seja, uma identidade que comporta uma abertura ao outro, sem perigo de diluição?, este questionamento é preciso para estabelecer que não há limites para a compreensão da situação dos povos no mundo.

É assim que eu te falo,  
meu irmão contratado numa roça de café  
meu irmão que deixas teu sangue numa ponte  
ou navegas no mar, num pedaço de ti mesmo em luta com o gandu<sup>1</sup>

Minha irmã, lavando, lavando  
p’lo pão dos seus filhos,  
minha irmã vendendo caroço  
na loja mais próxima  
p’lo luto dos seus mortos,  
minha irmã conformada

vendendo-se por uma vida mais serena,  
 aumentando afinal as suas penas...  
 É para vós, irmãos, companheiros da estrada  
 o meu grito de esperança  
 convosco eu me sinto dançando  
 nas noites de tuna  
 em qualquer fundão, onde a gente se junta,  
 convosco, irmãos, na safra do cacau,  
 convosco ainda na feira,  
 onde o izaquente<sup>2</sup> e a galinha vão render dinheiro.  
 Convosco, impelindo a canoa p'la praia  
 juntando-me convosco  
 em redor do voador panhá<sup>3</sup>  
 juntando-me na gamela  
 Vadô<sup>4</sup> tlebessá  
 a dez tostões.

Portanto, para Glissant (2005, p.19) os fenômenos de criouliização supõem que os elementos culturais colocados em presença uns dos outros devam ser obrigatoriamente “equivalentes em valo” para que essa criouliização se efetue realmente. Logo o eu-lírico se equivale ao eu-personagem em um processo simbiótico não apenas de identificação, mais também de valorização cultural. O termo criouliização adotado por Glissant (2005, p. 20-22) nos remete a um critério:

[...] exige que elementos heterogêneos colocados em relação “se intervalorizem”, ou seja, que não haja degradação ou diminuição do ser nesse contato e nessa mistura. [...] “Criouliização” vem do termo crioulo (a) e da realidade das línguas crioulas. E o que é uma língua crioula? É uma língua compósita, nascida do contato entre elementos linguísticos absolutamente heterogêneos uns aos outros.

Esta língua crioula que vem da fusão entre a língua portuguesa e a (s) língua (s) Africanas deixam seus rastros na poesia de Alda Espírito Santo, que apresenta tanto vocábulos da língua portuguesa quanto aqueles que podemos constatar como palavras tipicamente africanas, e são elas: gandu<sup>1</sup>, izaquente<sup>2</sup>, panhá<sup>3</sup>, vadô tlebessá<sup>4</sup>, quixipás<sup>5</sup>, dóxi<sup>6</sup>, nozados<sup>7</sup>. Esses falares aproximam o leitor a uma experiência que ultrapassa o texto literário, é como se fosse o passaporte de ingresso para o que está por vir, ou como uma janela que se abre para o mesmo horizonte todos os dias.

---

<sup>1</sup> tubarão, <sup>2</sup> frutos cujas sementes tem alto poder energético; <sup>3</sup> espécie de peixe voador que no tempo seco se apanha na praia; <sup>4</sup> peixe voador que se distingue do voador panhá por ser pescado apenas em alto mar; <sup>5</sup> barracas feitas com folhas de palmeiras; <sup>6</sup> apito doce; <sup>7</sup> velórios.

Assim, passado e presente se moldam em um quadro de imagens que podem parecer separar o eu-lírico do personagem, ambos experimentados na mesma sina, agora mesmo em posições sociais aparentemente distintas, Alda Espírito Santo se coloca do mesmo “lado da canoa”, ou seja, o intuito promissor de um futuro livre e da reconquista de direito à sua terra aparece como premissa para ser colhido nas futuras gerações, nesse sentido só a união os colocará “do mesmo lado da canoa”.

Mas as nossas mãos milenárias  
separam-se na areia imensa  
desta praia de S. João  
porque eu sei, irmão meu, tismado como eu p’la vida,  
tu pensas irmão da canoa  
que nós os dois, carne da mesma carne  
batidos p’los vendavais do tornado  
não estamos do mesmo lado da canoa.  
Escureceu de repente.  
Lá longe no outro lado da Praia  
na ponta de S. Marçal  
há luzes, muitas luzes  
nos quixipás<sup>5</sup> sombrios...  
O pito dóxi<sup>6</sup> arrepiante, em sinais misteriosos  
convida à unção desta noite feiticeira...  
Aqui só os iniciados  
no ritmo frenético dum batuque de encomendação  
aqui os irmão do Santu  
requibrando loucamente suas cadeiras  
soltando gritos desgarrados,  
palavras, gestos,  
na loucura dum rito secular.  
Neste lado da canoa, eu também estou irmão,  
na tua voz agonizante, encomendendo preces, juras,  
maldições.  
Estou aqui, sim, irmão  
nos nozados<sup>7</sup> sem tréguas  
onde a gente joga  
a vida dos nossos filhos.  
Estou aqui, sim, meu irmão  
no mesmo lado da canoa.

Mas nós queremos ainda uma coisa mais bela.  
Queremos unir as nossas mãos milenárias,  
das docas dos guindastes  
das roças, das praias  
numa liga grande, comprida  
dum pólo a outro da terra

p'los sonhos dos nossos filhos  
 para nos situarmos todos do mesmo lado da canoa.  
 E a tarde desce...  
 A canoa desliza serena,  
 rumo à Praia Maravilhosa  
 onde se juntam os nossos braços  
 e nos sentamos todos, lado a lado,  
 na canoa das nossas praias.

O poema, assim como um dia que dá a mão à noite e torna a ser dia e noite mais uma e tantas vezes, propõe que há um lugar, ainda não perdido, onde todos podem de novo se encontrar e se reconhecer como filhos de uma mesma mãe terra. Que mesmo o eu - lírico pertencendo a outra classe social, que poderia ser visto como um diferente pelos contratados nas roças, pelos pescadores, operários e mulheres, este eu - lírico se coloca do lado deles em prol da luta por justiça e dignidade para um povo que almeja se firmar em transformar sua luta de liberdade em realidade.

Já o poema *Lá no água grande*, há uma necessidade de cantar em versos o trabalho das mulheres, representado pela imitação do ato de lavar as roupas no 2º verso “negritas batem que batem co’a roupa na pedra”. e se prolonga no modo como é feito o serviço, nos versos seguintes, do 3º ao 6º verso:

Lá no "Água Grande" a caminho da roça  
 negritas batem que batem co'a roupa na pedra.  
 Batem e cantam modinhas da terra.  
 Cantam e riem em riso de mofa  
 histórias contadas, arrastadas pelo vento

Notamos que o simples ato cotidiano de lavar roupas ganha outras dimensões, que Glissant (2014, p. 40) chama de pensamento do tremor que une na absoluta diversidade, em um turbilhão de encontros, e nesse caso, para o mesmo autor (2014, p. 41):

Nosso trabalho é esforçar-nos em todo lugar, aqui-lá, lá-dentro, para sublimar esse sofrimento. Ele se torna sufocação, ou pelo contrário, um sopro liberto. Ele pode se tornar, na absoluta diversidade, sopro libertado, isto é, art e justa desmedida, e liberdade – as palavras e também as próprias coisas do inter-dito, que nós ironizamos para não infrin – é aqui-lá lá, nosso trabalho no Todo-o-Mundo.

Até as crianças encontram um lugar nessa poesia, que é antes uma forma de afeto e carinho com aqueles que mais sofrem com os males da guerra e do trabalho, como também uma forma de denúncia pelo fato de “velarem um pequeno ali no capim”,

aqui o semblante queda, pois a volta ao jugo é pesada e os sonhos de libertação ainda não se concretizaram.

Riem alto de rijo, com a roupa na pedra  
e põem de branco a roupa lavada.  
As crianças brincam e a água canta.  
Brincam na água felizes...

Velam no capim um negrito pequenino.  
E os gemidos cantados das negritas lá do rio  
ficam mudos lá na hora do regresso...  
Jazem quedos no regresso para a roça.

O poema revela o passado histórico colonial de trabalho das mulheres, mulheres que se encontram em situação de subalternas, sem direito a reivindicar seus valores. Spivak (2010, p. 16-17) argumenta que o papel do colonizado é sempre intermediada pela voz de outro e quanto ao papel do intelectual pós-colonial deve ser:

[...] a tarefa do intelectual pós-colonial dever ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a). Para ela não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular, e como consequência, possa também ser ouvido.

Logo, a poetisa abre esse espaço em sua poesia, é nela que esta mulher pode ser ouvida e pode falar. Em seguida o eu-lírico apresenta a mulher em sua alegria em meio ao sofrimento, seus gritos e gemidos por não poderem mudar a situação de ver tantos “negritos” morrerem tão cedo, para onde ficará a esperança de uma vida que mal começou a dar os primeiros passos nesse mundo, estes já se foram, virão outros? Ficamos a esperar e desejar que venham como aqueles descritos nos versos 9 e 10, aqui o eu - lírico se volta para as crianças, e achamos nelas uma relação de sentimentos bons que fluem do modo como as crianças brincam e o modo como a água, personifica, se sente, ambas felizes.

Portanto, a poesia de Alda Espírito Santo, já presente em alguns livros didáticos do ensino médio de escolas públicas no Brasil, como no livro Português língua e cultura, de Carlos Alberto Faraco, já se configura como uma abertura dos países de língua portuguesa em detrimento de uma divulgação da poesia de São Tomé e Príncipe.

Esperamos que as distâncias entre as literaturas ditas brasileiras, portuguesas, de países de língua portuguesa, não permitam que estas nomenclaturas sejam o barco que separa o oceano de contribuições presentes na literatura santomense, em especial a da poetisa e professora Alda Espírito Santo. Precisamos nos perder no mundo das palavras do outro, para quem sabe nos acharmos um pedaço já perdido de nós, quando a isso Glissant (2014, p. 219) no diz:

A palavra se obstina subterraneamente em outra vocação. E não em influir no imaginário de cada um, que é ilimitado, que não saberíamos conduzir, que funda também a sua liberdade, mas em inclinar os imaginários do mundo rumo a esse lugar inédito, que ainda nos aterroriza, onde o ser se arrisca ao Outro sem perder-se no incomposto.

Nesse sentido, buscamos sempre uma referência no outro, o que tinha que ser querela o será, mas o que terá que ser partilha e adesão o será. Assim, os poemas de Alda Espírito Santo refazem alguns horizontes que poderiam ficar perdidos, mas pela força da escrita eles ganham voz em mares distantes de suas praias e trazem não só aspectos da cultura de São Tomé e Príncipe, como também o modo e a efetivação do fazer literários em um país que tem autores que valorizam sua nacionalidade.

## Referências

- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: companhia da Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.
- FARACO, Carlos Alberto. *Português língua e cultura: língua portuguesa, 3º ano: ensino médio: manual do professor*. 3ª ed. – Curitiba, PR: Editora Base, 2013, p.151-153
- GLISSANT, Èdouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo A. Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005
- \_\_\_\_\_. *O pensamento do tremor: La cohée Du lamenteion*. Trad. Elnice do Carmo S. Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard/ Editora UFJF, 2014
- SANTO, Alda Espírito. *É nosso o solo sagrado da terra*, Lisboa: Ulmeiro, 1978.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina G. de Almeida, Marcos P. Feitosa, André P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- Disponívelem>[http://apl.unisuam.edu.br/semioses/pdf\\_edicoes\\_antteriores/n4/Semioses\\_n4\\_Artigo1.pdf](http://apl.unisuam.edu.br/semioses/pdf_edicoes_antteriores/n4/Semioses_n4_Artigo1.pdf) <acessado em: 14/10/2014 Disponível em><http://pt.slideshare.net/Becresod/poemas-alda-espirito-santo-vf><acessado em: 14/11/2014